

## O TEMOR DA MORTE

Parecem ser inesgotáveis as lições deixadas à humanidade pelo filósofo grego Sócrates. Seja pelo modo como viveu e pensou a vida, como filosofou extraindo idéias de seus interlocutores, como destruiu certezas de vários pseudo-sábios ou mesmo pelo modo como morreu vemos que muitos de seus ensinamentos continuam atuais até hoje. Julgado pelo Tribunal de Atenas por ter sido acusado de desrespeitar os deuses e corromper a juventude, acabou condenado à morte em uma votação apertada<sup>1</sup>. A execução de sua sentença, que deveria ser consumada por meio da ingestão de um veneno chamado cicuta, deu-se algumas semanas após o veredicto. Enquanto esse dia fatal não chegava, Sócrates não perdeu a oportunidade para mais uma vez exemplificar ensinamentos aos seus discípulos, dando-lhes genuínas mostras de serenidade diante do destino que o aguardava. Instado por eles a fugir da prisão, recusou-se, alegando que assim trairia sua própria consciência, logo ele que sempre defendeu o respeito e submissão de todos os cidadãos às leis e decisões da Cidade. Perguntado sobre o que queria que fizessem com seu corpo, disse que dele se preocupassem os que ficassem vivos, pois, segundo ele, Sócrates não mais estaria ali. E mesmo no dia de sua execução, depois de ter ingerido a cicuta e já sentindo fortemente os seus efeitos, quando vivia seus últimos momentos, ainda teve tempo para mais um gesto espiritual, lembrando a seu amigo Críton que ele, Sócrates, era devedor de Asclépios, e pediu-lhe que não se esquecesse de honrar referida dívida em seu nome.<sup>2</sup>

Sócrates, que ensinou sobretudo pelo exemplo, retrata bem a atitude de um homem que não temia a morte ou suas conseqüências. Era ele um homem, portanto, que, tendo filosofado “pra valer”, combatendo a ignorância e as falsas verdades até as últimas conseqüências, mostrou-nos como superar diversos de nossos vícios, dentre eles um que, quando excessivo, prejudica muito nossas vidas: o medo de morrer.

O medo parece ser hoje, segundo bem percebe o filósofo contemporâneo Luc Ferry, “a coisa mais bem distribuída do mundo<sup>3</sup>”. Isto porque temos medo de tudo: do desemprego, da doença, do aquecimento global, da violência, da solidão, da traição e, como não poderia deixar de ser, da morte. E tais medos estariam entre as principais causas de infelicidade e de bloqueio para que possamos viver uma vida plena, cheia de alegria e sabedoria.

Mas por que temos medo? De início não podemos esquecer que o medo é uma paixão, entendida aqui esta palavra no sentido filosófico com que a trata René Descartes<sup>4</sup> e o próprio Allan Kardec em O Livro dos Espíritos<sup>5</sup>. Ou seja, o medo é uma paixão, em um sentido filosófico, por ser ele uma percepção que a alma sente, independentemente de sua vontade, diante de determinadas situações de perigo. Portanto, as paixões – e o medo enquanto tal – são uma espécie de sentimento em

---

<sup>1</sup> O tribunal, composto por 501 cidadãos, considerou Sócrates culpado por maioria de votos: 281 contra 220.

<sup>2</sup> Sobre o julgamento e o período que antecedeu a execução de Sócrates, ver, respectivamente, a “Apologia de Sócrates” e o “Fédon”, ambos escritos por Platão.

<sup>3</sup> Sobre o tema, ver o livro de sua autoria “Vencer os Medos” (Editora Martins Fontes, São Paulo: 2008).

<sup>4</sup> Ver a obra deste filósofo francês, intitulada “Tratado das Paixões” ou “As Paixões da Alma”.

<sup>5</sup> Conforme esboçado na Parte Terceira, Cap. XII, questões 907 a 912.

relação ao qual, a princípio, não temos controle<sup>6</sup>. Nesta senda, verificamos com diversos filósofos e com os espíritos que as paixões possuem uma utilidade providencial, pois são todas elas postas em nós para o nosso bem e conservação. Logo, o medo é um aliado nosso, quando sentido de forma equilibrada e quando bem compreendido. A sua falta ou o seu excesso – quando, respectivamente, nos veríamos em risco diante das situações mais banais do cotidiano, ou quando seríamos por ele paralisados para as coisas mais simples da nossa vida – é que passam a ser danosos.

Refletamos um pouco agora sobre o medo da morte, que parece exceder mais do que faltar na imensa maioria dos seres humanos. Quais respostas e proposições a doutrina espírita traz para que enfrentemos e equilibremos esse medo?

Cumpra-nos observar que os medos de uma maneira geral, e o da morte em particular, devem seu surgimento não só ao fato de serem paixões, mas também em grande parte em razão do desconhecido que eles representam. Logo, dentre tantas razões, podemos destacar que tememos a morte em função de: a) não sabermos o que acontece depois dela; b) porque dela temos frequentemente as expectativas mais sombrias, tais como a entrada dos “condenados” em mundos onde irão expiar por meio de sofrimentos atroz os erros de uma vida efêmera; c) porque, em se tratando da morte daqueles que amamos, imaginamos que jamais iremos revê-los; ou ainda d) porque imaginamos que após a morte ficaremos privados dos gozos e prazeres que só podemos ter enquanto encarnados.<sup>7</sup>

Acontece que, assim como fez em relação a tantas outras ideias errôneas, a doutrina espírita destruiu o desconhecido relacionado à morte. O espiritismo, através da mediunidade, demonstrou que não somos um corpo, mas sim um espírito que ganha, temporariamente, corpos físicos para cumprir etapas evolutivas da sua existência. A morte, portanto, não existe. O que existe é a vida do espírito, em etapas e fases diferentes. Nas palavras de Kardec:

“10. A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Eis aí por que os espíritos encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos

---

<sup>6</sup> Para uma compreensão breve, porém abrangente, das paixões e suas relações com o espiritismo, ver o artigo “As Paixões, uma Breve Análise”, de Silvio Seno Chibeni, disponível em [http://www.geak.com.br/site/upload/midia/pdf/as\\_paixoes-uma\\_breve\\_analise-silvio\\_chibeni.pdf](http://www.geak.com.br/site/upload/midia/pdf/as_paixoes-uma_breve_analise-silvio_chibeni.pdf)

<sup>7</sup> Para uma melhor compreensão das ideias esboçadas neste parágrafo faz-se indispensável a leitura completa do capítulo II (Temor da Morte), Primeira Parte, do livro “O Céu e o Inferno”, em seu item denominado “Causas do Temor da Morte”, disponível em [http://www.ipeak.com.br/site/estudo\\_janela\\_conteudo.php?origem=6948&idioma=1](http://www.ipeak.com.br/site/estudo_janela_conteudo.php?origem=6948&idioma=1), bem como das questões 941 e 942 de “O Livro dos Espíritos”.

testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade.

(...). A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se nos apresentam mais como chamas fugitivas que nada falam ao pensamento, porém sob uma forma concreta que antes no-los mostra como seres viventes. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente.

Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.<sup>8</sup>

Acontece, no entanto, algo curioso entre muitos de nós, espíritas. Mesmo sabendo, ou devendo ter aprendido, que a morte não é o fim, mas apenas uma mudança, ainda assim sentimos muito medo da morte, tanto da nossa própria quanto a daqueles que amamos. Ocorre mesmo de muitos de nós sentirmos medo até dos próprios espíritos, seja de vê-los ou de simplesmente perceber-lhes a presença. Algo comparável a médicos que teriam medo de sangue. Mas por que será que isso acontece?

Em nosso entender, esse temor excessivo da morte ocorre entre muitos de nós, espíritas, porque ainda somos muito teóricos. Lemos as obras fundamentais da doutrina espírita e admiramos sua beleza, sua construção e sua coerência, mas não as estudamos e vivenciamos verdadeiramente. Somos, enfim, muito superficiais ao incorporar o espiritismo às nossas vidas. O resultado disso é que pouco a pouco abandonamos os espíritos no nosso dia a dia, quando não foi essa a proposta de Allan Kardec e dos próprios espíritos. E aí acabamos sentindo medo da morte e dos espíritos porque, nas atividades de interação mediúnica, acostumamo-nos a lidar prioritariamente com os nossos obsessores, esquecendo do convívio com os nossos guias e amigos espirituais. A mediunidade, de algo natural, feito nas nossas próprias residências, como era comum de se ver no século XIX no mundo inteiro, passou a ser algo um tanto quanto fantástico, que nos incute muitas vezes um injustificável temor. Proibimo-nos, explícita ou tacitamente, de interagir com os espíritos em nossos lares e na nossa família, quando nada, absolutamente nenhuma palavra de toda a obra kardequiana, recomenda-nos a tanto. Sobre o assunto Allan Kardec é claro ao afirmar que:

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar.

---

<sup>8</sup> In O Céu e o Inferno, Primeira Parte, Capítulo II (Temor da morte), item 10, denominado “Por que os espíritas não temem a morte”, disponível em [http://www.ipeak.com.br/site/estudo\\_janela\\_conteudo.php?origem=3755&idioma=1](http://www.ipeak.com.br/site/estudo_janela_conteudo.php?origem=3755&idioma=1)

Numa assembléia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre bom aguardar a boa-vontade dos que se disponham a comunicar-se, porque nenhum constrangimento sofre o pensamento deles e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode suceder que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado, é, aliás, uma garantia contra as comunicações más. Nas reuniões regulares, naquelas, sobretudo, em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões. Tomam, então, freqüentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares.<sup>9</sup>

Vê-se, pois, com Kardec, que as comunicações dirigidas (evocações), sem desautorizar as espontâneas, são bem mais vantajosas, sendo através delas que poderíamos criar o hábito de manter contato mediúnico frequente com os nossos espíritos protetores e familiares. Aliás, enquanto mecanismo de fortalecimento da fé, as evocações mostram-se muito mais eficazes, pois possibilitam a nós, encarnados, um intercâmbio mediúnico capaz de criar vínculos de intimidade, afeição e simpatia que não conseguimos por meio das comunicações mediúnicas espontâneas. Logo, fortalecendo-se a fé, teme-se menos a morte, posto que aqueles que se mantinham afastados de nós pelo túmulo passam a conviver conosco também enquanto espíritos.

Vê-se, pois, que, se estudássemos e praticássemos os ensinamentos da doutrina espírita com maior profundidade, deveríamos falar da morte, seja com nossos familiares ou amigos, assim como deveríamos falar da vida, ou seja, como algo natural. Poderíamos, em conseguindo conviver com maior naturalidade com os espíritos, principalmente nossos protetores e aqueles que nos são familiares e simpáticos, ajudar não só a nós mesmos a vencer o medo da morte, mas também às pessoas próximas e inúmeras outras que tem na morte uma das piores fontes de infelicidade e angústia.

Imaginemos a felicidade que sentiríamos ao poder conviver diretamente, no nosso dia a dia, com os espíritos daqueles que amamos, tal como feito no “Lar da Família Espírita” narrado na Revista Espírita de Setembro de 1859<sup>10</sup>, na qual o convívio

---

<sup>9</sup> “O Livro dos Médiuns”, capítulo XXV, “Das Evocações”, item 269.

<sup>10</sup> Remetemos o leitor à leitura completa deste belo texto de Kardec, definido por ele como “*um espetáculo verdadeiramente edificante*”, no [link](http://www.ipeak.com.br/site/estudo_janela_conteudo.php?origem=2729&idioma=1) [http://www.ipeak.com.br/site/estudo\\_janela\\_conteudo.php?origem=2729&idioma=1](http://www.ipeak.com.br/site/estudo_janela_conteudo.php?origem=2729&idioma=1)

de uma mulher e suas filhas com os seus respectivos marido e pai, que já havia desencarnado, chegava a ter uma naturalidade surpreendente? Por que não poderíamos, portanto, utilizando-nos da mediunidade com respeito, seriedade e fé, viver experiências parecidas? Nada do que está contido nas obras de Allan Kardec nos desautoriza a tanto. Aliás, é justamente isso o que os espíritos nos recomendam, senão vejamos as seguintes questões de O Livro dos Espíritos, que tratam da “Perda dos Entes Queridos”:

934. *A perda dos entes que nos são caros não constitui para nós legítima causa de dor, tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade?*

“Essa causa de dor atinge assim o rico como o pobre: é uma prova ou uma expiação, e constitui lei para todos. Tendes, porém, uma consolação em poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios que vos estão ao alcance, *enquanto não dispodes de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.*”

935. *Que se deve pensar da opinião dos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo?*

“Não pode haver nisso profanação, quando haja recolhimento e quando a evocação seja praticada com respeito e conveniência. A prova de que assim é tendes no fato de que os Espíritos que vos consagram afeição acodem com prazer ao vosso chamado. Sentem-se felizes por vos lembrardes deles e por se comunicarem convosco. Haveria profanação se isso fosse feito levemente.”

A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos que deixaram antes de nós a Terra. Pela evocação, aproximamo-los de nós; vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Desse modo, cessa, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, grande satisfação é sabê-los ditos, informar-nos, *por seu intermédio*, dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar.

Que fique claro que não estamos aqui a dizer que a evocação dos espíritos possa ser feita de qualquer modo ou em qualquer circunstância. Muito pelo contrário. Quanto a isso, Kardec também foi preciso ao explicar em diversas passagens de suas obras, em especial em “O Livro dos Médiuns”, o quão necessário é entender a mediunidade para bem praticá-la. Precisamos de um indispensável recolhimento para estudá-la – aliás, não só a mediunidade, mas a doutrina espírita como um todo – com disciplina, profundidade e persistência, preparando-nos tanto intelectual quanto moralmente, para poder bem exercer a interação mediúnica.

Ainda sobre o temor da morte, algo a mais deve ser dito. Sabemos, pelos testemunhos que nos são dados por diversos espíritos, que, se por um lado a morte do corpo físico não é o fim de tudo, por outro lado não podemos imaginar ingenuamente que, pelo simples fato de ter morrido, alguém terá assegurada a sua sorte no plano espiritual, tendo se tornado um “anjo”. De modo algum. O espiritismo nos liberta dessas ilusões ao nos ensinar que, enquanto espíritos, somos aquilo que pensamos e queremos. Então, na verdade, se devêssemos ter medo de alguma coisa após a desencarnação, este medo deveria ser dos nossos pensamentos e das nossas

vontades, ou melhor, dos nossos maus pensamentos e das nossas vontades inconsequentes, para cujos aprimoramentos agimos tão pouco quando encarnados.

Preciso é dizer que deixar de temer a morte não significa passar a desejá-la, nem tampouco transbordarmos de alegria quando ela ocorre. Afinal, o medo, como vimos, possui uma utilidade providencial. Ter certo medo de morrer, bem como medo de que nossos filhos, cônjuges, familiares e amigos morram, é mais do que natural, mesmo para o espírita. Contudo, quando somos espíritas esforçados, que procuram bem entender e praticar a doutrina espírita, percebemos que a razão e a intensidade desse medo mudam significativamente com o passar do tempo. Sendo assim, é claro que podemos chorar pela perda de pessoas queridas, mas não de desespero, e sim pela saudade, posto que temos a certeza de que iremos nos reencontrar, seja através da mediunidade, seja nos sonhos, seja quando também desencarnarmos ou até mesmo em futuras reencarnações.

Pensar na morte, com tudo o que isso nos proporciona de questionamentos metafísicos, longe de ser algo mórbido, deveria ser algo a se fazer constantemente com o fim de se buscar uma maior maturidade espiritual para que, quando ela nos atinja, venha de que lado for, possamos estar mais bem preparados. Infelizmente não é isto o que acontece, pois normalmente fugimos da idéia ou fingimos que ela não existe. Por isso, para encerrar, deixaremos ao leitor uma pergunta semelhante àquela feita por Frei Leão ao seu amigo Francisco de Assis, quando aquele viu este cuidando de um jardim com uma paz de espírito digna de dar inveja aos que não a possuem. A pergunta, que fica como reflexão, é: “o que você faria, se soubesse que iria morrer hoje”? A resposta que cada um de nós der certamente dirá muito sobre quem somos e em que precisamos melhorar... É verdade que não somos Sócrates e que talvez estejamos longe de ter a mesma sabedoria e serenidade que ele teve para enfrentar a morte. Mas temos a doutrina espírita que, bem compreendida, fornece-nos ferramentas potentíssimas para encarar e domar nossos medos, principalmente o da morte, bem como para nos tornar espíritos cada vez melhores.

Daniel A. Lima – 10 de fevereiro de 2012